

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16622 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 18 - Gênero, Sexualidade e Educação

A INFLUÊNCIA DA GENERIFICAÇÃO NA MÚSICA NA FORMAÇÃO DE INSTRUMENTISTAS BRASILEIRAS

Alice de Paula Ghisleni - UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

Maria Simone Vione Schwengber - UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

Ana Laura Arnhold - UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

A INFLUÊNCIA DA GENERIFICAÇÃO NA MÚSICA NA FORMAÇÃO DE INSTRUMENTISTAS BRASILEIRAS

RESUMO: Este estudo tem por objetivo compreender o atravessamento de gênero por trás das escolhas profissionais e instrumentais das estudantes do curso de graduação em Música de uma Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A pesquisa utiliza dados produzidos em um trabalho anterior e, através da abordagem qualitativa, apoia-se na Teoria Fundamentada (TF) (Glaser e Strauss, 1967) para analisar as entrevistas narrativas (auto)biográficas e estruturadas (Britto Jr. e Feres Jr., 2011; Manzini, 2004). Em 2019, constatou-se predominância do gênero masculino nos cursos (licenciatura/ bacharelados) de graduação em Música da Universidade onde o estudo foi desenvolvido. Das 16 modalidades do curso, 10 possuíam porcentagem maior de estudantes homens matriculados, indicando uma generificação (Scott, 1989; Butler, 2018) no ensino superior de Música. Com base na categorização de Hallam, Rogers e Creech (2008), verificou-se que o acesso ao instrumento e a identificação com ele (fatores sociais e instrumentais) são decisivos para a escolha inicial das estudantes. Também observou-se que o atravessamento de gênero se faz presente nas escolhas profissionais, pois das 5 estudantes entrevistadas, 3 optaram inicialmente por cursar graduação em licenciatura, profissão considerada mais apropriada ao público feminino (Perrot, 2007), mesmo não havendo identificação com a mesma.

PALAVRAS-CHAVE: Desigualdade de gênero. Escolhas instrumentais e profissionais. Mulheres instrumentistas.

Ao utilizar o conceito de gênero como uma categoria culturalmente construída (Butler, 2018) e como “meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana” (Scott, 1995, p. 13), busca-se identificar os processos de generificação na oferta e escolha de instrumentos musicais por homens e mulheres em um contexto formativo.

As construções de gênero na cultura dominante ocidental geralmente se traduzem por

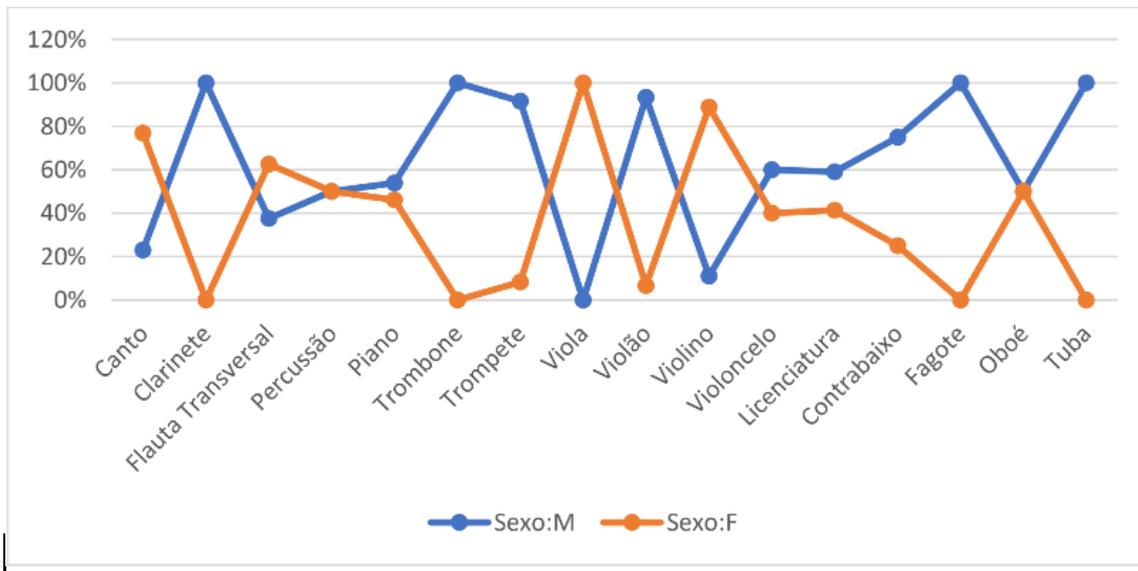
uma matriz binária e hierárquica (Meyer, 2004). A partir de tal posição, as reflexões giram em torno das formas de classificação social de um patriarcado, apontando a relação entre a desigualdade de gênero e outras desigualdades. Como colocado por Silva, Araújo e Jesus (2021) a categorização do masculino e feminino é, de algum modo, produzida por uma violência e não de forma natural, uma vez que coloca a masculinidade como dominante e a feminilidade como submissa, reforçando a continuação da desigualdade patriarcal.

Assim, visando problematizar acerca das desigualdades de gênero enfrentadas por mulheres que optam por estudar determinados instrumentos musicais tidos como “masculinos” (Duarte, 2024), a presente pesquisa tem por objetivo compreender o atravessamento de gênero por trás das escolhas profissionais e instrumentais de cinco estudantes mulheres de um curso de graduação em Música de uma Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Os caminhos metodológicos percorridos na construção da pesquisa foram: 1. Levantamento do número de estudantes matriculados nos cursos (licenciatura/bacharelados) de graduação em Música de uma Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2. Entrevistas narrativas (auto)biográficas e estruturadas (Britto Jr. e Feres Jr., 2011; Manzini, 2004); 3. Transcrição e análise das mesmas através da Teoria Fundamentada (TF) (Glaser e Strauss, 1967).

Através do levantamento do número de estudantes matriculados nos cursos (licenciatura/bacharelados) de graduação em Música da Universidade, um gráfico foi produzido com a porcentagem de estudantes matriculados em cada curso, divididos por gênero. Vale destacar que o bacharelado em Música é constituído por diferentes modalidades de instrumentos, e o estudante deve escolher uma modalidade antes de ingressar no curso.

Gráfico 1 - Porcentagem de alunos matriculados nos cursos de bacharelado e licenciatura no ano de 2019



Fonte: Das autoras (2024).

A seleção das alunas participantes foi feita com base nesse levantamento, pois as entrevistas foram realizadas com cinco alunas que estavam em minoria nos seus cursos. Ao identificar a existência de bacharelados em instrumentos específicos nos quais não haviam estudantes mulheres matriculadas (clarinete, trombone, fagote e tuba), entrou-se em contato com uma aluna da licenciatura que estudava o clarinete como performance musical. Além disso, para fins de comparação, buscou-se entrevistar uma estudante de canto, curso com importante adesão de mulheres. Assim, os cursos em questão foram: licenciatura e os bacharelados em contrabaixo, violão, trompete e canto.

Para que haja melhor compreensão da análise construída, apresenta-se as participantes (as quais escolheram codinomes para manter em sigilo as suas identidades) e seus respectivos instrumentos: Amelia Earhart (Trompete), Estefânia (Clarinete), Hanna (Contrabaixo), Natalha (Violão) e Susanna (Canto). Adotando uma abordagem qualitativa, procurou-se analisar os dados produzidos levando em consideração a influência do gênero nas escolhas dos instrumentos.

Em 2019, constatou-se predominância do gênero masculino nos cursos (licenciatura/bacharelados) de graduação em Música da Universidade onde o estudo foi desenvolvido. Das 16 modalidades do curso, 10 possuíam porcentagem maior de estudantes homens matriculados.

Esses primeiros dados produzidos indicam que há uma generificação no curso superior em Música, pois a presença majoritária de estudantes homens justamente nos instrumentos graves e da família dos metais, e de estudantes mulheres nos instrumentos

agudos e no canto, reflete uma realidade de atribuição sobre instrumentos musicais que foram historicamente considerados próprios ou não às mulheres. Os critérios para essa atribuição passaram por vetos de uma postura física tida como provocativa à imaginação masculina, a instrumentos de timbres considerados masculinos (sobretudo os graves) ou a uma técnica que “deformasse” a expressão facial (trombone, tuba etc.), essa preocupação, por exemplo, estimulou que muitas mulheres escolhessem o canto, no lugar de um instrumento (Duarte, 2024).

A análise das narrativas toma como base a pesquisa desenvolvida por Hallam, Rogers e Creech (2008) na qual as autoras estabeleceram a proporção de meninos e meninas que tocam diferentes instrumentos, existindo preferência de um recorte de gênero dentro do sistema educacional Inglês, e analisaram se essas proporções e preferências permaneciam consistentes ao longo de cada fase educacional, quando havia igualdade de oportunidades e, conseqüentemente, igualdade de gênero.

Assim, a análise construída aqui relaciona as falas das entrevistadas com a categorização proposta por Hallam, Rogers e Creech (2008), que identificam diferentes fatores influentes nas escolhas instrumentais dos estudantes de música. Esses fatores são classificados em três categorias principais: 1. Fatores individuais - onde considera-se importante a idade em que se começa a aprender; 2. Fatores instrumentais - diz respeito à natureza do instrumento (requisitos físicos exigidos, o som, a qualidade do som e a aparência), do acesso (quais instrumentos estão disponíveis, custo, no caso de instrumentos maiores, se existe transporte disponível), a maneira como o instrumento é apresentado aos estudantes (execução modelada por um musicista masculino ou feminino) e o tipo de repertório existente para o instrumento (música solo ou em grupo); 3. Fatores sociais e culturais - personalidades do meio musical que sirvam de exemplo, ou gerem expectativas estereotipadas de quais instrumentos são “apropriados” para cada gênero, questões ligadas à religião, a influência dos pais e irmãos nas crianças (escolha inicial) e dos colegas na adolescência.

Isto posto, o Quadro 1 apresentado a seguir contém os fatores, os codinomes das participantes e alguns trechos de suas narrativas nos quais cada fator aparece.

Quadro 1 - Fatores para a escolha do instrumento

	Fatores Sociais	Fatores Individuais	Fatores Instrumentais
--	-----------------	---------------------	-----------------------

Amelia Earhart	<i>“Eu sempre toquei cornet mesmo, por causa da Igreja, meu pai tinha cornet, que ele também tocava desde adolescente, ele tinha acho que uns dois cornets, ficou um pra mim, um pro meu irmão.” (p. 3).</i>	<i>“Mas eu era muito nova pra aprender, eu falei, mas eu quero aprender, aí eu só pedi para me ensinarem as posições e eu fui aprendendo sozinha, acho que eu tinha uns 10 anos quando eu comecei a aprender, comecei a tocar mesmo com uns 12 anos.” (p. 1).</i>	<i>“Sempre amei música de metais, seja música solo de trompete, dueto, Jazz, banda, orquestra, o que sempre me chamou a atenção foram os trompetes.” (p. 12).</i>
Estefânia		<i>“Quando eu comecei a tocar flauta doce, o primeiro instrumento que eu queria tocar era o saxofone, e quando eu tinha uns 10 anos, 10 não, 13 anos, eu queria um saxofone, só que eu era muito miudinha e não conseguia pegar o instrumento direito, daí no caso, a professora me indicou o clarinete.” (p. 2).</i>	<i>“Eu não queria muito porque eu achava o instrumento muito estranho, pelo primeiro contato, como eles deram o clarinete, então eu comecei a aprender a tocar dali o instrumento.” (p. 2). <i>“Eles forneceram o instrumento, no caso, a professora tinha o instrumento em casa e ela deu esse instrumento para mim. Como eu não tinha condições de comprar um instrumento, ela deu o dela para mim, até eu poder comprar o meu.” (p. 3).</i></i>
Hanna	<i>“Eu comecei a tocar contrabaixo elétrico desde pequena, desde pequena não, mas na Igreja, e foi a partir daí que eu me interessei por contrabaixo acústico.” (p. 4).</i>		<i>“O repertório pra contrabaixo, o instrumento em si, todo esse grave assim me apaixonou muito.” (p. 14).</i>
Natalha			<i>“Eu gosto do instrumento, ele é um instrumento bem desafiador e que tem sido bem interessante estar aprendendo mais sobre ele, estar descobrindo também as coisas que eu consigo fazer com ele.” (p. 8).</i>
Susanna	<i>“O meu pai é músico, então desde pequena eu já tenho contato com a música e com vários instrumentos musicais que o pai deixava espalhado em casa.” (p. 1).</i>	<i>“Desde muito pequena, sempre que eu me lembro de quando eu era pequena, eu estava cantando.” (p. 3).</i>	<i>“Imagina um fagote, 15 mil reais, eu não teria condições de comprar um instrumento tão caro assim.” (p. 8).</i>

Observa-se que todas as alunas tiveram o primeiro contato com música na infância e que o meio pelo qual esse contato ocorreu variou entre escola, família e Igreja. Nem todas as participantes tiveram a disciplina de música na escola. Entre as entrevistadas, duas afirmaram não terem visto nada relacionado à música durante a Educação Básica. Portanto, as participantes vivenciaram diferentes abordagens educacionais, trilhando trajetórias individualizadas. Esses caminhos culminaram nas suas escolhas instrumentais.

Através da análise dos dados, percebe-se como o acesso ao instrumento (fator social) e a identificação com o mesmo (fator instrumental) são determinantes para a escolha inicial das estudantes. Ao destacar as suas relações com o instrumento (em casa, na escola, na igreja) presentes de forma tão natural nas narrativas, percebe-se o quanto uma educação musical livre de estereótipos de gênero pode estimular mulheres a se identificarem e aprenderem a tocar um instrumento tido como mais comum aos meninos.

Mesmo assim, o atravessamento de gênero se faz presente nas escolhas profissionais, pois das 5 entrevistadas, 3 optaram inicialmente por cursar a graduação em licenciatura e não o bacharelado. Dado que ser professora de música é uma atividade que há muito tempo é vista como uma saída para as mulheres que aprendiam o instrumento, mas que por serem mulheres não poderiam se destacar como intérpretes, pois “essa iniciação não devia conduzir nem a uma profissão nem à criação. A mulher poderia apenas, em caso de necessidade, dar aulas de desenho ou de piano” (Perrot, 2007, p. 101). E também, pelo fato de atualmente, o ensino, de uma forma geral, ser uma profissão amplamente feminina (Perrot, 2007), muitas estudantes de música acabam por optar inicialmente pela licenciatura, mesmo que não se identifiquem com a profissão, como foi o caso de Hanna, que ingressou na música para cursar licenciatura, mas depois de um ano mudou para o bacharelado.

Como conclusão, a pesquisa identificou que há um processo de generificação nas escolhas formativas e profissionais das estudantes de música, manifestando-se quando as instrumentistas demonstram uma tendência inicial a optar pelo curso de licenciatura, frequentemente visto como uma opção "mais segura/adequada" para mulheres, devido à sua associação com o ensino e a educação, em contraste com o bacharelado, mais focado na performance e na carreira artística, confirmando o estereótipo que sugere que mulheres são mais adequadas para ensinar do que para performar.

A decisão de ingressar na licenciatura pode ser influenciada por expectativas sociais que reforçam estereótipos de gênero, quando as instrumentistas não se identificam com determinadas atribuições, algumas acabam por abandonar ou trocar de curso. Isso pode ser

resultado de um conflito entre suas aspirações e os estereótipos de gênero internalizados e impostos pela sociedade, podendo moldar as escolhas acadêmicas e profissionais e impactando suas trajetórias e carreiras.

REFERÊNCIAS

BRITTO JUNIOR, Álvaro Francisco; FERES JUNIOR, Nazir. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. **Revista Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DUARTE, Fernando. **O que a história social da música tem a nos dizer sobre a relação entre instrumentos musicais e gênero?**. Café História, 2024. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/instrumentos-musicais-e-genero/>. Acesso em: 21 de jul. de 2024.

GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L.. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. Piscataway: AldineTransaction, 1967.

HALLAM, Susan; ROGERS, Lynne; CREECH, Andrea. Gender differences in musical instrument choice. **International Journal of Music Education**, n. 26, p. 7-16, 2008.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, 2004, Bauru. **Anais**. Bauru: USC, v. 1, p. 1-10, 2004.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos de histórias e desafios atuais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 1, p. 13-18, jan./fev. 2004.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: S.O.S CORPO, 1995.

SILVA, Adrielen Amancio da; ARAÚJO, João Fernando de; JESUS, Adriana Regina de. Gênero e sexualidade nos currículos de pedagogia do paraná. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana-SE, v. 33, n. 1, p. 113–128, 2021.